

## SALA DE AULA, ENSINO DE MÚSICA, PROFESSOR E INTERNET

PEDRO ROGÉRIO  
LUIZ BOTELHO ALBUQUERQUE

### A Revolução Diária da Sala de Aula

“Para saber, para fazer, para ser ou para conviver todos os dias misturamos a vida com a educação [...]”. (BRANDÃO, 1981) (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p. 64).

Essa bela frase de Carlos Brandão se encaixa perfeitamente com o que vem ocorrendo no aprendizado de música após o advento da internet e sua rápida evolução e disseminação na sociedade, levando os professores de música a necessariamente se atualizarem com as novas tecnologias e as formas de registros gráficos e sonoros que vêm ocorrendo em centenas de *sites*.

Há algum tempo, especialmente de um ano pra cá, vem ocorrendo com maior frequência uma nova forma de estudar música que tem me chamado a atenção. Trata-se da leitura musical através de tablaturas. Essa nova forma de leitura tem modificado a dinâmica do ensino-aprendizagem de música nas aulas, quer os professores se dêem conta ou não de tal acontecimento.

Os alunos têm acesso a centenas dessas tablaturas na internet, existe também em revistinhas que se encontram nas bancas de jornais, com métodos práticos para aprender instrumento – violão, teclado, cavaquinho; entre outros – mas certamente em um número muito maior para o violão. Embora exista essa disponibilidade nas bancas, a quantidade que se pode encontrar na internet é algo que não é possível verificar precedentes.

É preciso se perguntar, diariamente, como agir diante do advento da informatização das informações e dos novos conhecimentos gerados. A cada dia é gerado conhecimento novo. Como utilizar esse fenômeno mundial a favor da formação humana? Como não nos tornarmos reféns das novas tecnologias?

Apesar do exagero contido na afirmação de que os computadores poderiam transformar as aulas e con-

verter os professores em “suportes e ajudantes da aprendizagem”, é certo que a sociedade tecnológica está mudando o papel dos professores, os quais se devem pôr em dia com a tecnologia”. (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p. 39).

Já tinha visto as tablaturas na internet e também nas já citadas revistinhas das bancas de jornais, porém pensei, preconceituosamente, que deveria ser, em meio a tantas informações, mais uma fórmula fácil para aprender violão; tais fórmulas, normalmente intituladas de “métodos práticos”, criam vícios que impedem um melhor desempenho futuro do instrumentista, portanto minha atitude preconceituosa não é de todo injustificada.

Professores e alunos, nos seus encontros, devem desenvolver um olhar crítico sobre os fenômenos da sociedade contemporânea com vistas à construção da autonomia de ambos, não só do aluno, mas também do professor que, se não cuidar em se atualizar, tornar-se-á presa fácil do processo de desenvolvimento tecnológico.

O professor tem a oportunidade de se renovar com as mudanças apontadas pelas novas formas de organização da sociedade, onde a luz – conhecimento – está cada vez mais acessível a todos, podendo cada um escolher sua luz, ou seja, o tipo de conhecimento que melhor se encaixe em suas opções de vida. Não é mais possível esconder as informações, o professor não tem mais esse poder mágico de fazer revelar a luz para o aluno carente da mesma. Porque o aluno já tem luz, já tem conhecimento, não cabendo mais, portanto, nem mesmo esse título de “aluno”, haja vista sua origem do latim: A = ausente / sem LUNO deriva-se de *lumni* = luz. Portanto aluno significa sem luz/ sem conhecimento. Essa concepção foi superada.

### **Sala de Aula**

Numa breve retrospectiva à gênese da sala de aula nos encontraremos com a igreja. A conformação da sala com os alunos sentados em filas esperando receber os conhecimentos a serem transmitidos pelo professor que detém toda a autoridade, o professor posiciona-se acima, o

conhecimento, portanto, vem do alto. Essa visão de sala de aula vem da Igreja Católica, onde o padre é um ser escolhido por Deus e é através do padre que todos poderão encontrar a salvação. A sala de aula trazia como tema central a salvação, salvar-se desse mundo, dos prazeres da carne, o aluno tem duas escolhas ou se alegrar agora e passar a eternidade sofrendo, ou sofrer agora para desfrutar do paraíso pela eternidade. Pra que sorrir se a vida é um sofrimento?

O objetivo das universidades medievais era o de formar quadros para a igreja. Os textos utilizados eram as Escrituras Sagradas da Bíblia. Era um caminho de ascensão social para conquistar um certo poder legítimo que concedia respeitabilidade dentro da sociedade, um poder social que era construído a partir da acumulação de um capital social.

Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas [...] (BOURDIEU, 1997, p. 160)

Todo esse espaço social escolar e em especial a sala de aula utiliza toda essa disposição espacial simbólica, o padre em um púlpito é quem fala, quem transmite, está autorizado a falar, ele conhece o conteúdo bíblico; nas palavras de Max Weber

Para o católico, a absolvição de sua igreja era a compensação para as suas próprias imperfeições. O sacerdote era um mágico que fazia o milagre da transubstanciação e que tinha em suas mãos as chaves da vida eterna. (1905, p. 91).

Assim como o professor é quem está, também, legitimado por toda essa estrutura simbólica; ele detém, portanto, o conhecimento autorizado, o conteúdo sagrado que foi revelado, por Deus, portanto a origem do saber era entendida como divina.

A origem do bom poder é um ato misterioso e inteiramente pessoal (ou privado) realizado por Deus. A política feudal se efetua, portanto, como rede interpessoal de favores recíprocos e assimétricos, tendo em seu topo a majestade divina. Visto não ter sido o rei investido no poder por seus pares nem pelo povo, é a *nemine judicatur*. Visto ter recebido o poder por graça especial, pela qual a vontade divina vem depositar-se na vontade régia, o rei é *legibus solutus* e tem a lei “inscrita em seu peito”, motivo pelo qual ‘o que apraz ao rei tem força de lei’. (CHAUÍ, 1992, p. 347)<sup>1</sup>.

Com o Iluminismo os intelectuais passaram a acreditar que podiam chegar ao conhecimento através da experiência, o que se contrapunha à origem sagrada do saber. O conhecimento passa a ter um dono que diz “eu descobri com minhas experiências e posso lhe demonstrar”. Por ser dono ele pode negociar, pode publicar e pode vender. Essa idéia se consolida com Lutero que quebra o monopólio da igreja. Essa revolução só foi possível por ter sido levada adiante em um contexto social que apresentava necessariamente certas condições; uma delas, se não a mais importante, no mínimo central na história do desenvolvimento humano, foi a invenção da imprensa que marcou um novo momento social. Esse novo momento pode ser identificado para efeito de análise da mesma forma que delimitou Peter Burke em seu estudo sobre a história social do conhecimento:

O início do período moderno será definido como os séculos de Gutenberg a Diderot, em outras palavras, a partir da invenção da imprensa com tipos móveis na Alemanha em torno de 1450 até a publicação da *Enciclopédia* de 1750 em diante. (BURKE, 2003, p. 19).

Com o desenvolvimento da imprensa os textos bíblicos não eram mais privilégio dos sacerdotes, os discípulos tinham acesso ao livro. Antes o aluno tinha que ouvir a interpretação do padre para se salvar, agora sua salvação passa a ser vinculada à necessidade de ler; para se salvar, o discípulo

---

<sup>1</sup> Fragmento de uma transcrição da palestra realizada durante o curso sobre Ética. São anotações que ainda não foram plenamente sistematizadas e funcionam como indicativas de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento. (Nota do organizador Aduino Novaes).

tinha que ler os textos bíblicos. Conseqüentemente a sala de aula passa a ter uma nova configuração, o conteúdo não é mais um segredo interpretado única e exclusivamente pelo professor, o aluno passa a ter um maior poder de reflexão sobre os textos. Com o advento da imprensa outros textos, que não só os sagrados, passam a ser publicados e os alunos que aprenderam a ler, também lêem textos diferentes. Outras importantes invenções potencializaram essa revolução, como o papel que ficou mais barato com sua confecção a partir de fibras vegetais; a química, no século XVII, conseguiu produzir uma tinta mais durável e mais estável. Com a multiplicação dos livros a idéia de Comenius de uma arte de ensinar tudo para todos, tornou-se factível.

Esses avanços tecnológicos revolucionaram o mundo, o que demonstra o poder transformador, do ponto de vista social e pedagógico, que tem uma tecnologia. A academia, hoje, significa livro, um graduado escreve uma monografia, um mestre é aquele que escreve uma dissertação, um doutor é aquele que escreve uma tese. Antes, no período clássico da Grécia, a autoridade era oral, baseada em *quem disse*, hoje a fundamentação na autoridade está em mencionar *quem escreveu*. Uma das partes mais importantes de um texto acadêmico são as referências bibliográficas. Existe toda uma cultura em torno do livro que determina o que somos e/ou nos revela.

A música também estava sob o manto do mágico, restrito ao mundo dos iniciados, em especial no que se refere à alfabetização musical – ler e escrever peças musicais. Não raro encontramos pessoas que ficam embasbacadas com o fato de ver um músico ou estudante de música ler aquele “amontoado de bolinhas” – as notas musicais – em uma pauta totalmente diferente de todas as outras – o pentagrama. A música é identificada como um dom especial, um presente de Deus ou dos deuses para alguns poucos escolhidos; quando não, a identificação vai ao extremo oposto, a música é identificada como coisa de vagabundo, de quem não tem o que fazer, de bêbados, boêmios. Os estigmas são extremos diametralmente opostos que colaboram para a disseminação de um preconceito inadmissível, especialmente no âmbito educacional.

Para que estudar música se se trata de um dom especial? E por outro lado, pra que estudar música se ela leva à perdição?

No primeiro caso, do dom especial, o professor passa a exercer um poder sobre os alunos que, não raramente, é utilizado para identificar o aprendiz como um aluno, no sentido aqui já exposto, daquele sem luz, sem conhecimento e que, portanto, depende da boa vontade, do bom humor do professor, que detém o conhecimento. Em um ambiente dominado pelo poder da religião católica tínhamos, pois, mais fortemente a identificação do conhecimento com o dom divino e que perdura até hoje.

Chegando ao iluminismo encontramos uma educação musical que concede ao dono da luz, do conhecimento musical um poder que o torna maior e melhor que todos os outros seres humanos. Ainda hoje, músicos com formações mais aprofundadas, que lêem e escrevem, que dominam a linguagem musical, submetem recorrentemente cantores amadores a constrangimentos. Na música popular, grande parte dos cantores tem uma formação empírica, aprendem na prática, quando seus trabalhos começam a ter uma maior projeção sentem a necessidade de serem acompanhados por músicos com formações mais acadêmicas. Esses que são contratados como *free lancers* e que, portanto, não têm, via de regra, uma identificação afetiva com o trabalho artístico do cantor ou cantora, recebem um cachê menor que o cantor(a); além disso quem é reconhecido, é aplaudido e ganha a admiração do público é aquele que está à frente do trabalho, ou seja, o(a) cantor(a). Esse ambiente de prestígio e valores financeiros diferenciados entre os músicos profissionais e os(as) cantores(ras) cria uma certa disputa de egos e vaidades. Nessa disputa a arma do músico é exatamente a linguagem musical mais elaborada que ele detém. No diálogo musical ele consegue entender o cantor(a) mas o inverso não acontece. Aquele que sabe, que domina uma linguagem específica e mais elaborada, submete o que não sabe.

Porém, com a constatação do fracasso do projeto iluminista, ou da não realização até o momento do mesmo, que no mínimo pede uma revisão, uma autocrítica, a música, ou melhor, os músicos passam a cultivar o opos-

to da luz; já que o conhecimento desenvolvido pela razão não resolve os problemas, busca-se, numa racionalidade às avessas, as trevas. Por paradoxal que pareça, ou mesmo, seja, os intelectuais desapontados, decepcionados, usam toda sua força racional para fundamentar o irracional, nenhuma ordem tem sentido, ou ainda, o sentido passa a ser a desordem. Na relação entre a arte e o social Teixeira Coelho lembra o desencanto brasileiro na manifestação de Hélio Oiticica:

Hélio Oiticica – colocado, no Brasil, na fronteira entre modernidade e pós-modernidade – em 1966 constrói seu ‘bólide’ Cara de Cavallo. Trata-se de uma caixa, sem tampa, coberta (“pudicamente”, na descrição de Mário Pedrosa) por uma espécie de gaze negra e cujas paredes internas ostentavam fotos de um marginal carioca, Cara de Cavallo, morto pela polícia. Uma caixa-poema, na expressão de Oiticica, que falava do “silêncio heróico” do marginal. Mais tarde (1968), a caixa virava uma bandeira-poema onde se vê o corpo do marginal deitado no chão quase na posição de Cristo crucificado e a inscrição “Seja marginal, seja herói” [...] era o “inconformismo estético” (de vanguarda, no caso de Hélio Oiticica) imbricando-se no “inconformismo social”. (COELHO, 2001, p. 144-145).

A música, os compositores e intérpretes também interpretam esteticamente esse movimento, é aí que encontramos, mais fortemente, o segundo estigma atribuído àqueles que se envolvem com arte em geral e especialmente com a música, de vagabundo, bêbado, boêmio, etc. Na música cearense essa expressão é clara na letra da música *Terral* de Ednardo: “Eu sou a nata do lixo, eu sou do luxo da aldeia sou do Ceará”. Seguindo com Teixeira Coelho que traz uma boa ilustração:

A música talvez seja, de passagem, a mais furiosa, a mais violenta das artes, no sentido que se pode expressar com mais violência essa fúria, ou ligar-se com mais fúria à violência ou, ainda, provocar furiosamente essa violência. (COELHO, 2001, p. 135).

Do ponto de vista pedagógico tanto um como outro estigma leva a educação musical para uma dimensão que

não apraz nem interessa a maior parte da sociedade. Estudar música se traduziu em escolher entre ser santo ou vagabundo.

Chegando aos dias de hoje, o professor encontra alunos que diariamente “baixam” arquivos de músicas, fazem *download* de dezenas de músicas em MP3, esse fenômeno vem tendo uma repercussão econômica que tem levado as grandes indústrias e empresas do ramo a repensarem todas as suas estratégias de sobrevivência mercadológica. Mas e do ponto de vista pedagógico?

O estudante chega com uma carga grande de informações, das mais variadas e das mais atuais. A relação de poder antes estabelecida está se desfazendo, se é que já não se desfez e os professores, em parte, ainda não deram conta do acontecimento. Aquela sala de aula sagrada, isolada do mundo, com um conhecimento estático que se repete todo ano deixa de fazer sentido. Como já relatei antes, esse é um processo que já vinha acontecendo com os meios de comunicação de massa; não obstante, com o advento dos PC *personal computer*, o processo foi modificado em uma aceleração difícil de ser mensurada.

A mobilidade é técnica: de início os avanços se medem por décadas, depois por anos e finalmente são quase diários [...] naturalmente, a mobilidade técnica provoca uma mobilidade do modo de vida [...] A mobilidade também é social [...] muda a posição da mulher diante do homem, a do empregado frente ao patrão, a do negro em face do branco, a da criança perante o adulto. Não são mudanças definitivas e nem sempre mudanças para melhor apenas por serem mudanças: são mudanças. E as mudanças são também morais e ideológicas. (COELHO, 2001, p. 29-30).

A sala de aula, no molde clássico, tem se tornado obsoleta; falar de sala de aula é falar das relações entre seres humanos, e, portanto, não podemos, se quisermos que a sala de aula continue existindo, nos furtar da análise social dos fenômenos contemporâneos pois, em última instância, estaremos fazendo uma análise da formação humana e portanto pedagógica.

Por que existe um desencanto, uma falta de interesse tão explícito em relação à escola, ao estudo, à leitura? Em



grande parte porque os ambientes não são convidativos, o prazer tem sido excluído do processo de aprendizagem. Não cabe mais, ou pelo menos não tem sido aceito pacificamente pelos estudantes, a postura do professor que sabe mais do que o aluno e que, portanto, é superior ao mesmo e por isso se impõe com a manipulação do conteúdo. Também não resolve mais prometer ao aluno que, se ele seguir os passos do mestre, ele terá um futuro garantido. Quem pode afirmar com uma certeza iluminista como estará o mundo daqui a dez anos? Dirigindo-me ao que interessa para esse texto cabe então perguntar: Como estarão as escolas, as universidades e o ambiente em sala de aula?

É como se as mudanças se fizessem mas não fossem, propriamente, feitas pelo homem. O processo de mudança estaria gerando uma lógica própria – mudança gera mudança – que escaparia ao homem. (COELHO, 2001, p. 30).

Uma das motivações dirigidas a mim para o ingresso na graduação foi a possibilidade de gozar a experiência de um novo ambiente, o ambiente universitário, onde o estudante é autônomo, onde as pessoas estudam o que gostam, a sala de aula é aberta, o aluno não é fiscalizado como nas escolas; ou seja, era a promessa do encontro com a liberdade e com o prazer. Essa motivação reforça o contrário em relação às escolas, o fazer por obrigação, sem prazer, sem liberdade, um ambiente de sofrimento obrigatório; ou seja, passe no vestibular, entre no ensino superior, e se livre da chatice da escola.

## **O Professor**

Como têm se posicionado os profissionais do ensino? Todos os fenômenos sociais levam o professor a se perguntar como fazer, ou como refazer ou, ainda, como fazer e refazer coletivamente. O professor não pode sozinho dar conta de todas as transformações, portanto não deve achar que todos os problemas contemporâneos serão resolvidos por ele, como se ainda fosse aquele todo-poderoso que tem domínio de tudo ao seu redor.

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informações de comunicação incidem fortemente na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetiva. Transformar práticas e culturas tradicionais e burocráticas das escolas que, por meio da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social, não é tarefa simples nem para poucos. O desafio é educar as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Tal objetivo exige esforço constante de diretores, professores, funcionários e pais de alunos e de sindicatos, governantes e outros grupos sociais organizados. (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p. 12).

Os profissionais da educação devem – ou deveriam – saber de suas responsabilidades no que diz respeito aos conteúdos e sua relevância nos currículos. Porém existe um despreparo histórico que é inclusive relatado pelo PCN/arte:

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada 'atividade educativa' e não disciplina. [...] As próprias faculdades de Educação Artística, criadas especialmente para cobrir o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor [...]. Os professores passam a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. Conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e conhecer artistas, objetos artísticos e suas histórias não faziam parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em Arte nessa época.

Não é difícil perceber que os alunos universitários, futuros professores, que foram regidos pela lei citada – LDB de 1971 – careceram de uma melhor formação. Na prática educativa escolar esses professores tinham pouca fundamentação para defender a importância da sua área de trabalho e melhores condições de ensino.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de co-

nhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica [...] (PCN/arte, 2001, p. 32).

## Conclusão

Não faz sentido negar a televisão, o rádio, o cinema, a música, o mercado, a moda, as mídias de uma maneira geral e em especial a internet. Não faz sentido simplesmente dizer que essas ou aquelas coisas prestam ou não prestam, precisamos nos apropriar das linguagens que circulam na sociedade, inclusive para poder construir uma crítica efetiva.

Voltando ao exemplo da linguagem musical, vou aqui relatar mais detalhadamente um episódio em uma aula: um estudante chegou tocando *Black Bird*, música de John Lennon e Paul McCartney<sup>2</sup>, que ele ouvira em um programa na TV Diário, o *TVNeno*. Essa gravação tem um arranjo violonístico bem mais elaborado que o que vínhamos estudando. Ouvei e perguntei como ele tinha aprendido aquela música e com aquele arranjo. Ele respondeu que foi na internet. Como na internet?, insisti. E ele disse então que tinha aprendido com tablatura. Como relatei, já tinha ouvido falar das tais tablaturas, porém não dei importância, mas então não pude mais resistir, ou fazer vista grossa diante de algo que tanto estimula um estudante de música a tocar.

Agora, supondo que eu não me interessasse pelas tais tablaturas, ou pelo menos pela possibilidade dessa nova linguagem influenciar a formação dos estudantes de música, estaria comprovando minha falta de interesse, não propriamente pelas tablaturas, mas pelo estudante que, por esforço próprio, pesquisou e descobriu uma forma que o estimulou a estudar. Uma atitude anti-renovação-via-internet provavelmente afastaria o aluno das minhas aulas e conseqüentemente dos demais métodos, e demais possibilidades de estudo que poderia

---

<sup>2</sup>*Black Bird* foi gravada em 1968 no disco dos Beatles que ficou conhecido como *Álbum Branco*, em que, de acordo com o pesquisador Nelson Augusto, Paul e John já demonstravam clara separação tanto que a música é de autoria apenas de McCartney; a parceria era apenas o cumprimento de uma formalidade.

apresentá-lo. Portanto, fica fácil perceber que o interesse mútuo – entre professor e estudante – é muito mais prazeroso, interessante e salutar para o ambiente educacional.

Não adianta obrigar o estudante a gostar do que o professor gosta, impor-lhe conhecimentos que não o seduzem, que não despertam seu interesse.

Supondo ainda que por fim descobrisse que as tablaturas não serviriam aos propósitos pedagógicos e didáticos, não colaborariam com o desenvolvimento do estudante; só poderia provar-lhe as deficiências do método caso me interessasse pelo novo conhecimento por ele trazido.

Esse é um exemplo elementar, mas que traduz uma mudança na relação entre professor e aluno e, portanto, na sala de aula. Nossas raízes escolásticas e iluministas são muito profundas e mexer nelas significa mexer com antigas certezas que não se sustentam mais.

Para concluir o texto, arrisco aqui um pouco de otimismo. Quem sabe estamos diante de uma relação mais solidária, ou a caminho dela, uma relação horizontal, onde a sala de aula passe a ser um encontro entre pessoas que praticam o respeito às diferenças, em que o encontro entre professores e estudantes ao invés de ser o lugar do comandante transmitindo ordens aos seus comandados, possa vir a ser um lugar de descoberta mútua entre pessoas que se vêm de forma mais fraternal!

### Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*: arte. 3. ed. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Ética*. Organização de Aduauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

- COELHO, José Teixeira. *Moderno pós moderno*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação. v. 1).
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito capitalista*. São Paulo: Martin Claret, 1905.